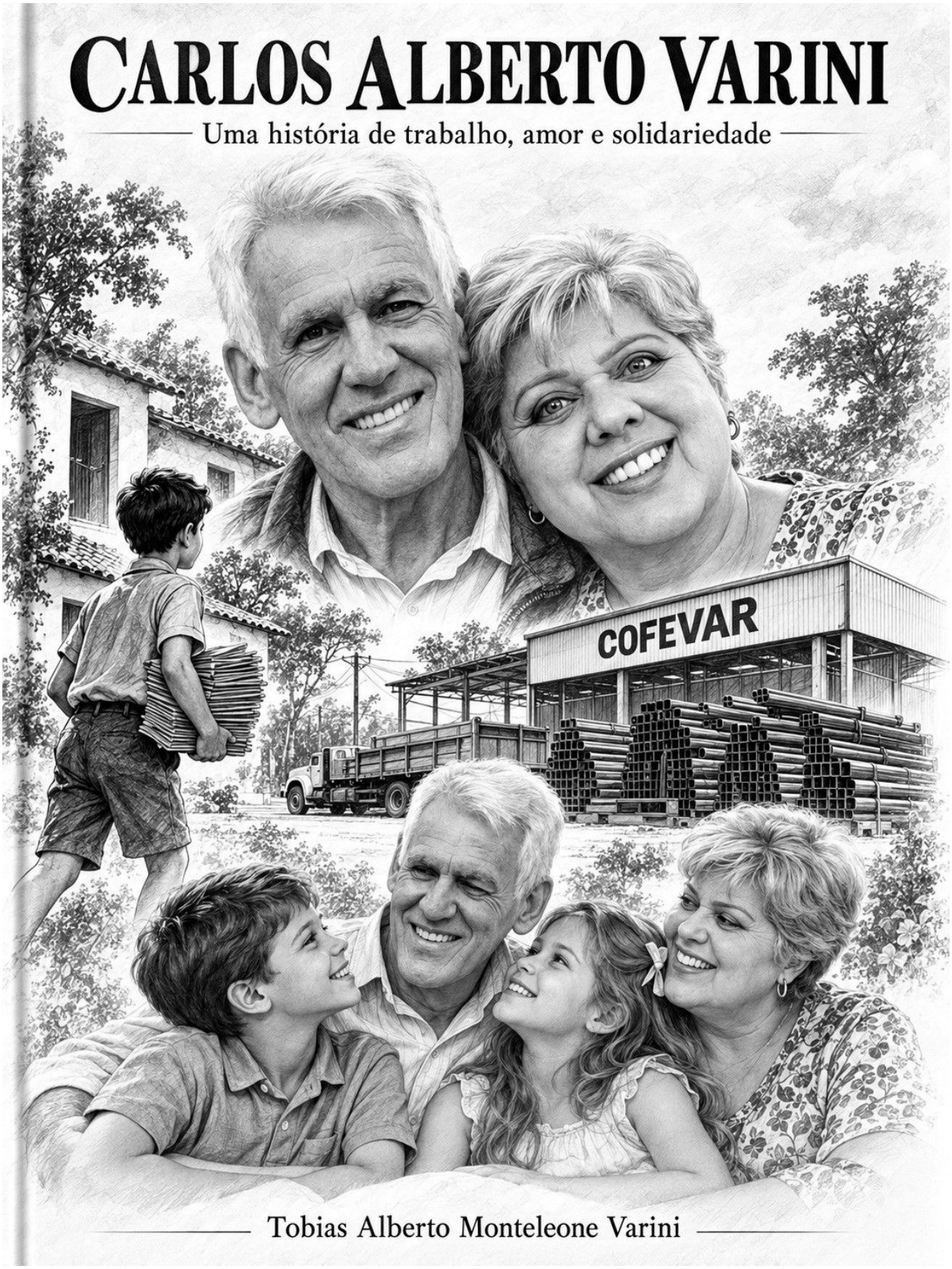
CARLOS ALBERTO VARINI

Uma história de trabalho, amor e solidariedade



Tobias Alberto Monteleone Varini

Informações editoriais

Título: Carlos Alberto Varini — Uma história de trabalho, amor e solidariedade

Autor: Tobias Alberto Monteleone Varini

Edição: 1ª edição rev. 1

Ano: 2026

Local: Catanduva, São Paulo

Obra biográfica de circulação familiar e eletrônica.

Ilustrações em estilo de desenho a lápis, inspiradas nas histórias narradas.

© 2026 Tobias Alberto Monteleone Varini. Todos os direitos reservados.

Sumário

Dedicatória....4

Apresentação....5

Linha do tempo....6

1. O quintal onde tudo começou....7

2. O compasso dos dias paulistanos....10

3. O retorno e o portão de madeira....12

4. Eliana e uma vida construída a dois....15

5. A família como prioridade absoluta....18

6. O sonho de Enísio....20

7. As pessoas que construíram a Cofevar....22

8. A fé no encontro com o próximo....25

9. Uma generosidade que se compartilha....27

10. O menino que continua na história....30

11. O que fica em casa....31

Nota sobre as fontes....33

Dedicatória

Ao meu pai, Carlos Alberto Varini,

Durante tantos anos, ouvi suas histórias sem imaginar que um dia seria minha vez de contá-las. O trabalho, a família, os amigos e as pessoas que você ajudou continuam presentes em cada lembrança reunida neste livro.

Escrevo para que seus filhos, suas netas e aqueles que vierem depois possam conhecer não apenas o homem que construiu a Cofevar, mas o pai, o avô e o ser humano que encontramos em tantos gestos de amor e solidariedade.

Se um dia lhe faltarem as lembranças, pai, estaremos aqui para lembrar por você.

Com amor e gratidão,

Tobias

Apresentação

O Alzheimer mudou a maneira como a família de Carlos Alberto Varini passou a guardar sua história. Durante tantos anos, ele próprio a contara com entusiasmo, entre sorrisos, lembranças e conversas que pareciam não ter fim. Quando essas recordações começaram a se tornar mais difíceis de alcançar, seu filho Tobias decidiu reuni-las. Ouviu Eliana, familiares, amigos e colaboradores para preservar não apenas os fatos, mas algo da voz e da presença de seu pai.

A biografia acompanha o menino que cresceu em um quintal simples de Catanduva, o jovem que estudou e trabalhou na região de São Paulo e o homem que voltou à cidade natal para fundar a Cofevar. Ao lado dessa trajetória estão Eliana, com quem se casou em 1976, os filhos, as netas e as pessoas que fizeram parte de sua vida.

Estas páginas se destinam à família e a todos que conviveram com Carlos. Para suas netas e para as próximas gerações, guardam a oportunidade de conhecer o filho, o marido, o pai, o avô, o amigo e o homem de fé por trás do empresário. As lembranças e os registros reunidos ajudam a contar como o trabalho se tornou, em sua vida, uma maneira de cuidar dos outros.

Há histórias que uma família acredita que sempre poderá ouvir novamente. Até que o tempo mostra a importância de escrevê-las. Este livro nasceu desse cuidado: reunir o que foi vivido, o que foi contado e o que permanece na memória daqueles que caminharam ao lado de Carlos.

Linha do tempo

16 de maio de 1953 — Carlos Varini nasce em Catanduva.

Infância e juventude — Trabalha com coleta de jornais e comércio de velas; mais tarde, muda-se para a região de São Paulo para estudar e trabalhar.

6 de fevereiro de 1975 — Funda a Cofevar em Catanduva.

29 de maio de 1976 — Casa-se com Eliana Monteleone.

1977/1978 — Nasce Tatiana, a primeira filha.

Cerca de 1981/1982 — Nasce Tobias.

Meados da década de 1980 — Enísio falece. Alguns anos depois, Carlos adquire o terreno da antiga fábrica de postes, ligado ao sonho do pai.

Décadas seguintes — A Cofevar amplia suas atividades; Carlos e Eliana formam a família e fortalecem vínculos com colaboradores e instituições sociais de Catanduva.

2003 — Recebe homenagem da APAE de Catanduva como benemérito colaborador.

Maio de 2017 — Carlos presenteia as idosas do Recanto Monsenhor Albino durante as celebrações do Dia das Mães.

Abril de 2019 — A Cofevar e a família figuram entre os benfeitores da revitalização da Ala Roxa do Hospital Emílio Carlos.

Janeiro e fevereiro de 2026 — Cofevar e Carlos Varini aparecem entre os apoiadores da reestruturação da Ala Azul do Hospital Emílio Carlos.

2026 — Carlos e Eliana completam 50 anos de casamento.

CAPÍTULO 1

O quintal onde tudo começou



Ilustração — O quintal da infância e os primeiros jornais.

Carlos Varini nasceu em 16 de maio de 1953, em Catanduva. Passou os primeiros anos em uma casa nos fundos do terreno de sua avó, onde duas famílias dividiam o quintal e um único banheiro. Sua mãe, Diovanda, trabalhava longas horas como costureira. Seu pai, Enísio Varini, depois de dificuldades nos negócios, viajava pela região vendendo produtos de uma camisaria e ficava fora durante boa parte da semana.

Naquela casa, o sustento não chegava sem esforço. Diovanda passava longas horas trabalhando; Enísio percorria a região para vender seus produtos. Carlos e a irmã cresceram vendo o quanto custava manter os filhos na escola e a comida à mesa. A pobreza não era uma lição bonita à espera de ser aprendida. Era uma dificuldade concreta, presente nas preocupações dos pais e em cada despesa que precisava ser calculada.

Além de costurar e cuidar da casa, Diovanda fazia permanentes no cabelo de clientes em suas residências. Ia a pé de um lugar a outro para completar a renda da família. O esforço da mãe e seus ensinamentos ficaram entre as lembranças pelas quais Carlos sentia mais gratidão.

Diovanda acompanhava de perto os estudos do filho. Se Carlos deixasse os livros para jogar futebol, ela ia buscá-lo e o trazia pelas orelhas de volta aos deveres, perguntando se ele não queria ser um grande homem. Era uma mãe exigente, e Carlos nunca se esqueceu da importância que ela dava à sua educação.

Enísio ficou na memória da família como um homem sempre disposto a ajudar. Era capaz de tirar o próprio agasalho para aquecer alguém com frio. Esse jeito de cuidar das pessoas lhe rendeu o carinho de quem o conhecia. Mais de uma vez, Carlos contou que o pai “não conseguia ver alguém precisando sem fazer alguma coisa”.

Entre as lembranças daquele quintal, uma cena atravessou os anos. Enísio voltou do trabalho e encontrou a geladeira vazia. Havia quase nada para comer. Sem dizer uma palavra, saiu de novo. Cerca de duas horas depois, regressou com sacolas de mantimentos. A comida estava ali; faltava entender de onde viera o dinheiro.

Diovanda perguntou. Enísio havia vendido o próprio veículo de trabalho para abastecer a casa. Abriu mão de algo de que dependia para ganhar a vida porque, naquele dia, alimentar a família era a necessidade mais urgente. O gesto ficou na memória de Carlos como parte do exemplo de um pai que não conseguia permanecer indiferente diante da necessidade de alguém.

De Diovanda, Carlos recebeu a disciplina e o valor do estudo. De Enísio, a disposição de estender a mão, mesmo quando isso custava caro. Eram exemplos diferentes, nascidos do mesmo esforço para cuidar da família.

Na escola, Carlos percebeu cedo as diferenças entre sua vida e a de colegas com mais dinheiro. Aluno do colégio Barão do Rio Branco, passou por humilhações que ainda recordava quando adulto. Ao contar esses episódios, preferia não dizer os nomes dos envolvidos, entre os quais havia conhecidos e amigos da cidade.

Carlos queria sair da pobreza e conquistar o respeito pelo próprio trabalho. Não guardava o desejo de se vingar de quem o havia humilhado. “O respeito a gente constrói com o que faz”, costumava dizer anos depois.

Ainda menino, procurou maneiras de ajudar nas despesas de casa. Ao comprar carne, reparou que o açougueiro embrulhava a mercadoria em jornal: aquelas folhas ainda tinham utilidade depois de lidas. Um vizinho recolhia papel usado e o enviava à irmã, no Paraná, onde era vendido. Carlos começou ajudando e, pouco depois, passou a organizar sua própria coleta.

Ele circulava pela cidade, adquirindo, acumulando e negociando o material, retornando sempre com alguns trocados no bolso.

Ao perceber que conseguia ganhar algum dinheiro com aquilo que muita gente jogava fora, o menino encontrou uma forma de participar do sustento da família.

Depois dos jornais, vieram as velas. Carlos comprava para revender e também as fabricava em casa. No Dia de Finados, os vendedores se reuniam perto do cemitério. Ele percebeu onde paravam as carroças vindas da zona rural e foi oferecer suas velas ali, antes que os compradores chegassem aos outros vendedores.

Também percebeu que aqueles clientes se interessavam mais pela utilidade das velas do que por uma embalagem bonita. Aprendia a observar quem comprava e a adaptar sua maneira de vender.

Enísio ajudava nas vendas durante as viagens, procurando clientes também fora da época de Finados. Carlos contava com bom humor que, ao voltar, o pai já cobrava sua parte nos lucros. Os pequenos negócios também tinham seus acertos de contas em família.

A mãe ajudou em outras iniciativas, como a venda de roupas compradas por uma tia. Carlos aproveitava as oportunidades e aprendia com cada cliente, cada produto e cada conversa.

Catanduva foi sua primeira escola de negócios. Antes de conhecer balanços, fornecedores e depósitos de aço, Carlos já aprendera a observar as pessoas, descobrir oportunidades e trabalhar com aquilo que tinha ao alcance.

CAPÍTULO 2

O compasso dos dias paulistanos

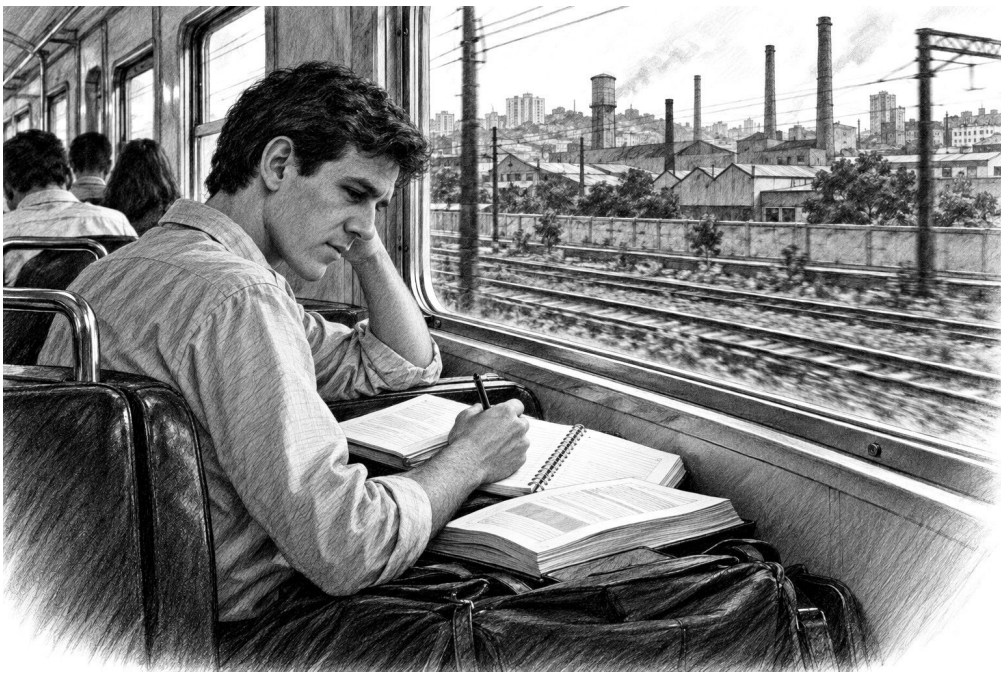


Ilustração — Os estudos e o trabalho entre as cidades do ABC paulista.

Uma oportunidade no escritório de seu tio e padrinho, Armando, aproximou Carlos da contabilidade. O rapaz que já sabia vender começou a conhecer também a organização das contas de um negócio.

Mais tarde, acolhido por uma tia em São Paulo, passou a dividir os dias entre trabalho, estudo e os deslocamentos por Santo André, Mauá e São Caetano do Sul. A rotina incluía viagens de trem entre Santo André e Mauá — manhãs frias na plataforma, o balanço dos vagões, o cansaço acumulado de quem saía cedo e voltava tarde.

Carlos havia pensado em cursar Medicina ou Engenharia, mas essas possibilidades estavam distantes das condições financeiras da família. Seguiu pela contabilidade e pela faculdade de Economia. Precisava trabalhar para se manter e pagar os estudos.

Morou com familiares e, depois, em uma república. Continuou procurando oportunidades, como fazia desde menino.

Um anúncio de jornal o levou a uma vaga de auxiliar de contabilidade em Capuava. Fez o teste e foi contratado. Tinha pouco dinheiro e poucas roupas. Logo precisou se adaptar às exigências do emprego, que incluíam mudanças no cabelo e no modo de se vestir. Ao lembrar daquele início, falava com franqueza das limitações com que havia chegado: “Cheguei do jeito que pude. O que importava era aprender e não perder a chance.”

Com apoio e trabalho, foi conquistando a confiança dos superiores. Sua facilidade para organizar as finanças e resolver problemas trouxe novas responsabilidades. Um dos sócios pediu sua ajuda em um negócio do filho, e outras oportunidades apareceram.

As lembranças desse período incluem uma gráfica, uma loja de som e empresas do setor de aço. Em algumas fases, Carlos mantinha dois ou três empregos enquanto fazia faculdade. Saía cedo, atravessava cidades e precisava encaixar as aulas entre as jornadas de trabalho.

Havia dias longos e noites em que o cansaço disputava espaço com os livros. Trabalhar, estudar e atravessar cidades exigia mais do que vontade: exigia repetir o esforço na manhã seguinte, mesmo quando o corpo pedia descanso.

A cada nova responsabilidade, ganhava experiência e confiança. Aos poucos, aquele jovem que procurava emprego passou a ser chamado para ajudar a organizar outros negócios.

O setor de aço ganhou espaço em sua vida. Carlos conheceu usinas, depósitos e revendas. Observava vendedores que haviam aberto suas próprias empresas e aprendia sobre os produtos, os clientes e o funcionamento do mercado.

Conseguiu também uma oportunidade para Enísio trabalhar como vendedor. Pai e filho voltavam a dividir o trabalho, agora em um ramo diferente.

Foi nesse ambiente que Carlos começou a pensar em voltar a Catanduva e abrir o próprio depósito. A ideia amadurecia nos trajetos de trem e nas conversas com o pai: levar o que aprendera de volta para a cidade onde tudo havia começado.

CAPÍTULO 3

O retorno e o portão de madeira

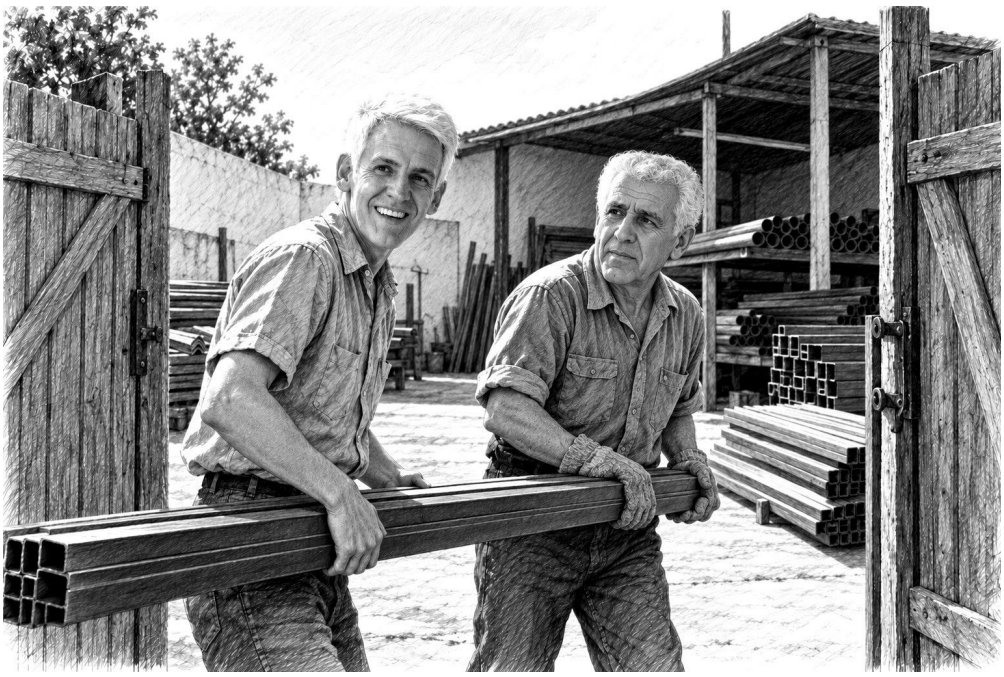


Ilustração — Pai e filho no início do depósito de aço.

Pedir demissão significava deixar para trás uma posição conquistada com esforço, a proximidade com a direção e perspectivas de crescimento. Para muita gente, a decisão de Carlos parecia um passo para trás. Houve críticas duras. Ele conhecia o risco, mas havia amadurecido uma ideia que não o deixava em paz: voltar a Catanduva e construir o próprio negócio.

Foi assim que escolheu voltar.

Para quem olhava apenas o emprego que ele deixava, a escolha era difícil de entender. Carlos, porém, queria levar a experiência adquirida de volta a Catanduva e abrir um depósito de aço. Sabia que corria um risco.

Em 6 de fevereiro de 1975, nasceu a Cofevar. Não havia a estrutura que a empresa viria a conquistar. Havia um imóvel alugado, um portão de madeira, um pequeno trecho de piso e pouco espaço para o aço. Era um começo modesto, mas era seu. E, atrás daquele portão, pai e filho começavam outra etapa de trabalho.

Enísio esteve ao lado de Carlos desde o início, como pai, companheiro de trabalho e alguém com quem podia conversar. Enquanto o filho saía de madrugada para comprar aço e organizar o transporte em São Paulo, ele cuidava do depósito e atendia os clientes em Catanduva.

A equipe era pequena, e cada um precisava fazer um pouco de tudo.

A Cofevar tinha pouco mais de um ano quando Carlos se casou com Eliana Monteleone, em 29 de maio de 1976. Ela conheceu seus planos quando ainda havia muito por fazer e poucos recursos para realizá-los.

Anos depois, Eliana lembraria das promessas daquele começo. Como conseguiriam fazer tanto com tão pouco? Ela olhava para as condições do momento; Carlos já imaginava o que os dois poderiam construir.

Entre as preocupações dela e o entusiasmo dele, começaram a vida em comum.

Conseguir crédito era uma das maiores dificuldades. Um senhor com quem sua irmã trabalhava soube da situação e mandou chamar Carlos. Ofereceu-se para avalizar títulos, ajudando-o a obter recursos no banco.

O apoio nunca foi esquecido. Na história da empresa, aquele homem continuou sendo lembrado por confiar em Carlos quando o depósito ainda começava.

Mesmo assim, os bancos raramente emprestavam tudo o que ele precisava. Era necessário trabalhar com o valor disponível, escolher com cuidado e crescer aos poucos.

Em uma tarde daqueles primeiros anos, Carlos viu o tempo correr mais depressa do que gostaria. Precisava quitar uma dívida antes de o banco fechar. Não tinha dinheiro suficiente, tampouco mercadoria no depósito que pudesse vender de imediato. O compromisso estava ali, e a solução não aparecia.

Foi então que um senhor conhecido na cidade apareceu procurando material. Carlos explicou que não tinha o produto, mas o cliente, sem conhecer sua dificuldade, disse que poderia pagar naquele momento e receber o material na semana seguinte. Carlos avisou que não podia garantir a compra a tempo. Ainda assim, o homem insistiu no adiantamento. A quantia era quase exatamente a que faltava para pagar a dívida. Restavam poucos minutos para o banco fechar.

Carlos saiu às pressas com o dinheiro. Segundo contava, alcançou o banco quando as portas estavam quase se fechando e conseguiu fazer o pagamento. Para quem ouvia a história, era fácil imaginar a aflição daquela corrida. Para ele, ficou a lembrança de um auxílio que chegara quando já não enxergava saída.

Carlos acreditava que Deus havia agido por meio daquele encontro. O cliente nunca soube quanto sua compra significou naquele dia. Carlos guardou a gratidão e a vontade de também ajudar quando pudesse.

Aqueles primeiros anos também trariam um teste diferente: uma situação em que era a própria palavra de Carlos que estava em jogo. Embora já tivesse crédito com alguns fornecedores, muitas compras ainda eram feitas à vista. Apresentou um amigo do ramo a um fornecedor. A venda foi realizada, mas, meses depois, soube que a dívida não havia sido paga.

Carlos decidiu assumir o pagamento da dívida. Não era uma quantia que pudesse tirar do caixa sem consequências. Para honrar o compromisso, vendeu uma casa conquistada com muito esforço e voltou a morar de aluguel, em um apartamento. Não fez alarde. O fornecedor, por algum tempo, sequer soube quem havia pago.

Quase um ano depois, o dono da empresa descobriu quem havia quitado a dívida e chamou Carlos para uma conversa em São Paulo. Recebeu-o com o apelido de costume: “Malandro”. Entre eles, a palavra tinha um sentido carinhoso. Carlos gostava de conversar, contar histórias e estar com as pessoas. Tobias lembra dessa facilidade do pai para fazer amigos.

Ao saber do que Carlos havia feito, o empresário lhe ofereceu crédito para comprar o material de que precisava e carregar os caminhões. Conhecia suas limitações financeiras, mas confiava em sua palavra.

A confiança recebida permitiu que Carlos comprasse material e ampliasse as possibilidades da Cofevar. Mas a lembrança mais forte daquele episódio não estava no crédito conquistado: estava no preço pessoal de cumprir a palavra. A casa havia sido vendida. O compromisso, honrado.

Ele também via nesse reconhecimento a presença de Deus. Não havia pago esperando uma recompensa, mas recebeu com gratidão a confiança do fornecedor.

Com o tempo, comprou o imóvel do depósito, incorporou o terreno vizinho e ampliou as instalações. A empresa cresceu aos poucos, a partir daquele pequeno espaço atrás do portão de madeira.

CAPÍTULO 4

Eliana e uma vida construída a dois

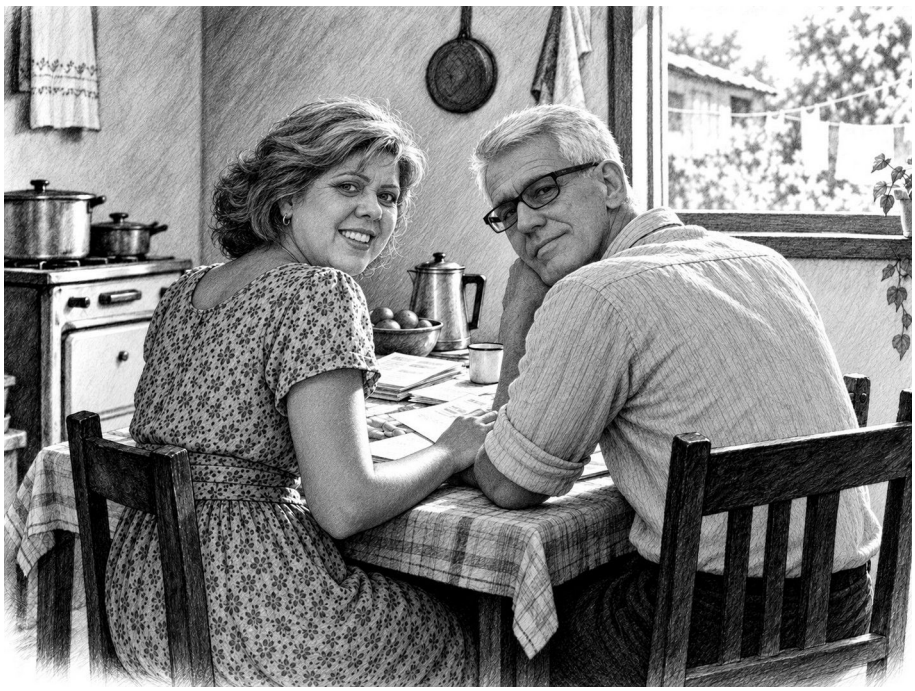


Ilustração — A vida a dois e os planos compartilhados.

A história de Carlos e Eliana começou na mesma rua em que a Cofevar dava seus primeiros passos. Enquanto o depósito ainda era pequeno e o futuro permanecia incerto, os dois começaram a imaginar uma vida em comum.

Eliana morava na mesma rua da Cofevar e costumava observar Carlos quando ele passava. A rua onde a empresa começava foi também o lugar onde os dois se aproximaram.

A família de Eliana tinha uma situação financeira melhor que a de Carlos, embora ambos viessem de origens humildes. Eram jovens e logo passaram a pensar em uma vida juntos.

Namoraram por menos de seis meses e se casaram em 29 de maio de 1976. A Cofevar ainda não havia completado um ano e meio.

Eliana tinha 17 anos, e Carlos, 23. Cerca de um ano e meio depois nasceu Tatiana; quatro anos mais tarde, Tobias. A criação dos filhos acompanhou os anos em que a empresa procurava se firmar.

Nas conversas com Tobias, Eliana descrevia o começo difícil. Moravam em uma casa alugada de quatro cômodos, e o enxoval das crianças era simples. Enquanto Carlos trabalhava na empresa, ela cuidava da casa e dos filhos. Reconhecia nesse cuidado diário sua participação na vida que construíam.

Durante anos, Eliana levava os filhos a pé para tomar vacinas e ir à escola. Só depois de oito ou dez anos conseguiram comprar um carro, e ela tirou a habilitação. Guardava a lembrança das dificuldades e da união com que passaram por elas.

A primeira casa própria, de tijolos à vista, foi construída em um terreno perto do rio. Para Eliana, era a casa dos sonhos. Cerca de oito meses depois, uma enchente fez o esgoto voltar e invadiu o imóvel. A família precisou esvaziá-lo e instalar uma comporta. Na lembrança dela ficaram também a venda da casa e a volta ao aluguel, no Edifício Patriani.

Eliana também participava das decisões sobre o trabalho. Em certa época, Carlos quis se tornar fazendeiro. Influenciado pelo gosto de Enísio pelo campo, comprou um pequeno sítio e começou a visitar propriedades maiores, entre elas uma fazenda de grande extensão.

Durante uma dessas visitas, percorreu a propriedade a cavalo. Perto do fim, o animal disparou e só parou à beira de um penhasco. O susto ficou ligado à conversa que teve com Eliana ao voltar para casa.

Ela o aconselhou a se concentrar no que conhecia: o aço. Administrar uma fazenda exigiria outro tipo de experiência. Também perguntava como ele conseguiria acompanhar as empresas do setor que cogitava comprar em São Paulo e continuar perto da família.

Carlos ouviu Eliana. Mais tarde, reconheceria que o conselho da esposa talvez o tivesse poupado de perder tanto a propriedade rural quanto a empresa. Ele tinha entusiasmo para enxergar oportunidades; ela ajudava a medir os riscos e a perceber o que merecia sua dedicação. Não se tratava apenas de acompanhar os sonhos de Carlos, mas de participar das escolhas que dariam forma à vida dos dois.

A parceria que os ajudava a decidir os rumos do trabalho também aparecia no cuidado com outras famílias. Cada um teve suas iniciativas sociais, e muitas foram realizadas em conjunto.

Entre essas iniciativas, o Educandário Delfino de Oliveira ocupa um lugar especial nas lembranças de Eliana. Por cerca de quatro ou cinco anos, o casal ajudou na reforma do local. Quando chegaram, havia apenas um banheiro para 25 crianças. Construíram outros e compraram camas. Segundo a lembrança dela, o atendimento passou a alcançar aproximadamente 40 crianças.

Uma vez por mês, os dois passavam a noite no educandário: Eliana ficava com as meninas, e Carlos, com os meninos. A cada três ou quatro meses, levavam as crianças à chácara para brincar na piscina. Eliana lembrava daqueles anos como um dos períodos mais bonitos da vida do casal. Para Tobias, essas lembranças mostram quanto seus pais valorizavam estar perto das pessoas que ajudavam.

Quem foi criança no Educandário Delfino de Oliveira guarda lembranças que nenhuma reforma conseguiria explicar sozinha. Uma dessas pessoas recorda o dia em que Carlos e Eliana levaram quase quarenta crianças de trem até São José do Rio Preto e lhes ofereceram um

almoço. Para quem participou, aquela viagem permaneceu na memória como uma das alegrias daquele tempo.

O mesmo testemunho lembra que Carlos jogava futebol com as crianças, rezava com elas e também dormia no educandário. Era carinhoso, mas exigente: queria tudo limpo, organizado e feito com cuidado. Mais tarde, segundo essa lembrança, chegou a oferecer trabalho na Cofevar a alguns dos que haviam passado pela instituição. Não era uma ajuda que terminava quando a visita acabava. Era uma presença que continuava na vida das pessoas.

A família costuma descrevê-los como almas gêmeas. Em 2026, Carlos e Eliana completaram 50 anos de casamento. A Cofevar cresceu ao longo desse tempo, mas a história do casal não cabe nos resultados da empresa: está também na casa simples, nos filhos criados, nos conselhos difíceis e nas muitas ocasiões em que escolheram cuidar de outras pessoas.

CAPÍTULO 5

A família como prioridade absoluta



Ilustração — A alegria dos encontros em família.

Reunir a família era uma das alegrias de Carlos. Fazia questão dos encontros de fim de semana e procurava manter os laços entre todos. Para Tobias, esse desejo de união era uma presença constante na vida do pai.

Carlos sonhava em ter uma família grande — talvez 10 ou 12 filhos. Embora a vida tenha seguido outro caminho, nunca diminuiu nele o desejo de manter todos por perto.

Quando sua irmã trabalhava em outra cidade e passou por dificuldades, Carlos foi buscá-la para que pudesse morar perto dele. Ajudou a irmã e sua família, mantendo todos por perto.

Os filhos aprenderam muito observando suas escolhas. Admiravam sua inteligência prática, a facilidade para perceber oportunidades e a disposição para trabalhar desde cedo. Carlos, por sua vez, lembrava sempre de quem o havia ajudado.

Na educação de Tobias, procurou oferecer oportunidades de estudo que ele próprio não tivera. Ao mesmo tempo, queria que o filho aprendesse a se virar e a enfrentar dificuldades. As viagens de ônibus e a busca pelos próprios objetivos faziam parte desse aprendizado.

Depois da graduação, Tobias se preparava para trabalhar na França. Era um caminho que havia imaginado para si. Carlos, porém, procurou o responsável pelo intercâmbio e explicou que precisava do filho na Cofevar. A decisão atingiu Tobias em um momento de expectativas e planos. O desejo do pai de tê-lo na empresa não apagava a frustração de ver outra possibilidade se afastar.

Tobias não esconde que, naquela época, ficou contrariado e chegou a se arrepender da escolha. Com os anos, seu olhar mudou. Ao assumir a condução da Cofevar, passou a enxergar também a oportunidade de dar continuidade ao trabalho do pai. A mudança de perspectiva não torna menor a dificuldade que sentiu; mostra como uma mesma história pode ganhar novos significados com o tempo.

Essa continuidade também inclui o cuidado com outras pessoas. Ao falar do que mais admira no pai, Tobias destaca sua disposição para ajudar. É uma parte da herança que deseja levar adiante.

As quatro netas tinham um lugar especial na vida de Carlos: Beatriz e Izadora, filhas de Tatiana, e Cecília e Celina, filhas de Tobias. Ele era um avô apaixonado, que fazia tudo o que podia por elas. Esse amor está entre as lembranças mais carinhosas da família.

Gostava de sair para comprar coisas para as netas e de ajudar a montar seus quartos. Nas festinhas, se havia pula-pula, Carlos pulava junto. Gostava de dançar, sorrir e entrar nas brincadeiras.

Tobias guarda uma cena que parece conter muito do jeito de seu pai. Em uma festa na entrada de casa, Carlos desceu do carro já cantando e dançando. Não ficou observando a alegria dos outros: entrou nela. Pegou as netas no colo, distribuiu beijos e espalhou aquele sorriso de que a família se lembra tão bem. Era o avô que não assistia à festa de longe. Participava como se a felicidade das meninas também o fizesse menino.

Com os amigos, Carlos conservava o mesmo espírito brincalhão. Gostava de pescar, mas nem sempre parecia interessado no silêncio que uma pescaria costuma exigir. Às vezes aparecia com uma caixinha de som, para desespero bem-humorado de quem esperava sossego. Gostava da conversa, da música e, sobretudo, de estar junto.

O sonho de ter 10 ou 12 filhos não se realizou, mas o desejo de estar junto permaneceu. Ao lado de Eliana, Carlos viu a família crescer com a chegada dos filhos e das netas.

CAPÍTULO 6

O sonho de Enísio



Ilustração — O terreno ligado ao sonho de Enísio.

Quando o dinheiro ainda era pouco, Carlos e Enísio costumavam passar por uma antiga fábrica de postes. Perto dali ficavam a Fonte Dona Zizi e um carrinho de garapa. Enísio gostava daquele lugar e contou ao filho que sonhava em abrir ali a Garaparia Varini.

Enísio morreu quando a Cofevar tinha cerca de 10 a 12 anos. O sonho da garaparia, porém, ficou na memória de Carlos. Era uma das últimas coisas que o pai ainda falava com entusiasmo.

Tempos depois, uma ventania derrubou sobre o terreno vizinho um barracão que Carlos estava construindo em outra propriedade. Ninguém se feriu, mas ele ficou desanimado e não tinha dinheiro para recomeçar. A venda do imóvel a um comprador que apareceu lhe permitiu pensar em outra possibilidade.

A antiga fábrica de postes havia encerrado suas atividades, e o terreno foi a leilão. Acompanhado por um advogado, Carlos foi até lá. Como único interessado, conseguiu comprá-lo.

Não sabia ainda o que faria ali. O terreno era irregular e tinha muita água passando por ele. Muitos duvidavam de sua utilidade, mas Carlos guardava a lembrança do sonho do pai.

Quando começaram as obras de duplicação da rodovia, a empreiteira precisou de um espaço para guardar caminhões e outros veículos com segurança. Seus representantes procuraram Carlos para alugar a área, mas ele a ofereceu emprestada, sem cobrar.

Meses depois, ao fim das obras, ele encontrou o terreno nivelado. A empresa havia usado a terra retirada da estrada para corrigir os desníveis, em agradecimento pelo empréstimo. Seus representantes explicaram que tinham ficado surpresos com a ajuda gratuita, mesmo se tratando de uma empresa de grande porte.

Carlos não esperava essa retribuição. Ao contar a história, agradecia a Deus e lembrava que havia cedido o espaço simplesmente porque podia ajudar.

Hoje, o terreno abriga a unidade industrial da Cofevar, em uma área de aproximadamente 35 mil metros quadrados. A Garaparia Varini nunca chegou a abrir suas portas. Ainda assim, o lugar que Enísio imaginara para um pequeno negócio acabou acolhendo uma realização do filho. O sonho mudou de forma, mas o vínculo entre os dois permaneceu naquele chão.

CAPÍTULO 7

As pessoas que construíram a Cofevar



Ilustração — O trabalho compartilhado na Cofevar.

O crescimento da Cofevar também dependia de resolver problemas do dia a dia. Carlos chegou a comprar caminhões para transportar o aço, mas voltou a contratar transportadoras depois de avaliar os custos. Parte do material seguia pela ferrovia.

Nos primeiros anos, Gil, Alaor e Nelson foram os braços direitos de Carlos e Enísio. À medida que a Cofevar crescia, Gil chegou à diretoria financeira, Alaor à gerência industrial e Nelson à gerência geral. As trajetórias dos três passaram a fazer parte da própria história da empresa.

Alaor F. da Silva, com uma trajetória de 48 anos na Cofevar, acompanhou o esforço para manter a produção, cuidar das instalações e conseguir dinheiro para o funcionamento da empresa.

Nos primeiros tempos, uma carroça alugada levava as cargas até a ferrovia, de onde seguiam para cidades como Santa Adélia e Ariranha. Mais tarde vieram os caminhões, conforme a empresa crescia.

Alaor trabalhou 12 anos em vendas externas antes de passar à gestão industrial. Assim como a empresa mudava, seus colaboradores aprendiam outras funções e assumiam novas responsabilidades.

O cuidado com a equipe convivia com uma liderança exigente. Na descrição de Tobias, o pai era um homem correto, que não aceitava irregularidades e cobrava dedicação ao trabalho.

Na lembrança do filho, essa firmeza não vinha de uma vontade de maltratar. Estava ligada aos princípios que Carlos recebera, à disciplina que exigia também de si mesmo e à importância que dava à responsabilidade.

Apesar do orgulho pelo que havia construído, Carlos encontrava uma satisfação especial em oferecer trabalho digno. Alegrava-se ao saber que os funcionários conseguiam sustentar suas famílias e fazer planos com o resultado do próprio esforço.

Esse cuidado apareceu em uma iniciativa que marcou a família: Carlos comprou cerca de 30 a 40 terrenos em um loteamento novo e os deu aos colaboradores, um para cada um.

Para alguém que crescera em uma casa nos fundos do terreno da avó, dividindo o quintal com outra família, a possibilidade de ter um pedaço de terra próprio não era pequena. Ao oferecer terrenos aos colaboradores, Carlos ajudava a abrir para outras famílias a perspectiva de construir uma casa. A distância entre aquele quintal de sua infância e os novos lotes dava ao gesto um significado especial.

Ao contar a história da Cofevar, Carlos lembrava do pai e das pessoas que haviam dividido o trabalho com ele. As conquistas vinham acompanhadas de nomes.

Também recordava um dos primeiros contratados, que pretendia ficar pouco tempo antes de sair da cidade. Havia humor nessa lembrança: a empresa estava começando, e o rapaz já chegava falando em partir.

Nelson Antônio Honori chegou preocupado com o futuro. Seu contrato na Guarda-Mirim estava perto do fim, e ele temia ficar sem emprego. Encontrou na Cofevar pilhas de barras de ferro e Enísio Varini. Pediu uma oportunidade e recebeu a orientação de começar no dia seguinte. Mais tarde, lembraria de Enísio como um segundo pai.

Nelson começou fazendo cobranças de bicicleta. Levou cerca de duas semanas para conhecer Carlos, que viajava muito. Por volta dos 15 anos, pensou em sair: queria crescer e não se imaginava a vida inteira na mesma função.

Carlos se ofereceu para lhe ensinar a vender. Nelson aceitou e passou à área comercial. Aos 18 anos, já estava à frente da operação. Como havia muito serviço e pouca gente, trabalhou em diferentes setores.

A oportunidade de aprender marcou sua vida. Anos depois, Nelson falava da Cofevar como sua casa.

Ele chegou à gerência geral. Mesmo depois de sua morte, sua história permanece ligada à empresa que ajudou a construir.

Santiago Valesteguim Gil, conhecido como Gil, dedicou 44 anos ao setor financeiro da Cofevar e atuou como diretor da área. Também guardava um carinho especial por Enísio, de quem foi vizinho e em quem reconhecia uma figura paterna.

Gil lembrava de quando precisou ir a um casamento em Votuporanga e não tinha um veículo adequado. Enísio lhe emprestou o carro. Recordava também os encontros entre as famílias e as idas aos jogos de futebol, inclusive em Novo Horizonte. Ao falar desses anos, expressava gratidão a Carlos, Eliana e toda a família.

A história da Cofevar se misturou à de Catanduva por meio de funcionários, clientes, fornecedores e transportadores. O aço seguia para as obras, e o trabalho no depósito ajudava a sustentar muitas casas.

Essa participação nunca ficou de fora de seus relatos. A gratidão por quem esteve ao seu lado fazia parte de sua maneira de contar o que havia construído.

CAPÍTULO 8

A fé no encontro com o próximo



Ilustração — A presença e a escuta nas visitas a quem precisava.

A fé de Carlos não ficava restrita às palavras. Segundo Tobias, ela se manifestava também nas visitas a quem estava doente, sozinho ou atravessava dificuldades. Em vez de esperar que todos os pedidos chegassem até ele, Carlos procurava as pessoas e escutava suas necessidades.

Duas ou três vezes por semana, visitava doentes e pessoas em dificuldade. Conversava, oferecia conforto espiritual e procurava entender o que estava faltando em cada casa.

Ao lado de uma pessoa doente, reservava tempo para ouvir. A conversa permitia perceber necessidades que nem sempre apareciam em um pedido de ajuda.

Carlos entregava cestas básicas, pagava tratamentos médicos e atendia outras urgências que conhecia nessas visitas.

Em determinado período, contratou uma pessoa para visitar as famílias, conhecer as necessidades das crianças e ajudar a organizar o atendimento. Queria acompanhar de perto a situação de quem recebia o apoio.

Às vezes a necessidade era alimento. Em outras ocasiões, um tratamento médico, uma conversa demorada ou uma oração. Carlos procurava responder ao que encontrava diante de si. Não havia uma única maneira de ajudar, porque também não havia uma única forma de sofrimento.

A maior alegria do pai, porém, estava na possibilidade de ajudar. O crescimento da empresa lhe dava condições de fazer isso.

Houve uma ocasião em que ajudar significou entrar na água. Atrás da Cofevar, no centro de Catanduva, algumas casas sofriam com as enchentes. Durante uma chuva forte, a água chegou à altura da cintura. Carlos entrou na área alagada para ajudar os moradores a sair de casa e socorrer quem precisava, apesar do perigo de bueiros e objetos escondidos sob a água.

Carlos fazia questão de levar a família aos projetos sociais. Assim, os filhos cresceram convivendo com as pessoas que seus pais apoiavam.

Nos fins de semana em que Carlos e Eliana dormiam na instituição, Tobias e a irmã iam junto e brincavam com as crianças atendidas ali.

Para os filhos, aqueles dias também eram lembranças de infância e de amizade. O cuidado com outras famílias fazia parte da convivência com seus próprios pais.

CAPÍTULO 9

Uma generosidade que se compartilha



Ilustração — O alimento e o cuidado que chegavam a outras famílias.

Nem mesmo a família conhecia a extensão de tudo o que Carlos fazia. Muitas iniciativas chegaram ao conhecimento de Tobias pelas lembranças de Eliana. Carlos preferia que a atenção permanecesse sobre quem precisava de ajuda, e não sobre o nome de quem a oferecia.

9.1. A generosidade que preferia o silêncio

Foi assim que a família soube, apenas algum tempo depois, de uma contribuição que, segundo Eliana, se repetia todos os anos: Carlos doava um carro zero-quilômetro ao Hospital de Câncer de Barretos, destinado a um dos leilões beneficentes realizados em favor da instituição.

Havia também as festas que organizava para crianças e o auxílio discreto a famílias em situação de pobreza. Mandava entregar mantimentos e roupas sem que as pessoas soubessem quem estava por trás da ajuda. Era uma forma de preservar a dignidade de quem recebia e de manter a atenção em suas necessidades.

Seu apoio alcançava diferentes comunidades: colaborava na construção de igrejas, centros espíritas e espaços dedicados ao acolhimento e à recuperação de pessoas com dependência química. Eliana recorda especialmente sua participação na construção do Valdo Jaboque, em Catanduva, e seu envolvimento na chegada do Amor-Exigente à cidade. Durante muito tempo, Carlos participou das atividades, deu palestras e ofereceu ajuda a pessoas e famílias que enfrentavam a dependência química.

9.2. O cuidado com as crianças e a educação

Perto do Hospital Psiquiátrico Mahatma Gandhi, o espaço conhecido como Irmã Sheila acolhia crianças de famílias com poucos recursos no período em que não estavam na escola, para que seus pais pudessem trabalhar. Eliana contou a Tobias como funcionava: quem estudava de manhã frequentava o espaço à tarde; quem estudava à tarde era recebido pela manhã.

Carlos pagava os funcionários e professores que acompanhavam as crianças, oferecendo reforço escolar e oportunidades de aprender e brincar. Havia aulas de violão, futebol, vôlei, ginástica, música, além de desenho e outras atividades. Ele custeava essas iniciativas, procurando oferecer às crianças algo que fosse além de um lugar onde esperar a volta dos pais.

De outra lembrança de infância surge o nome do Projeto Tuiuiú. Quem o frequentou recorda que três professores acompanhavam as crianças fora do horário escolar. Ali havia dança, futebol, vôlei e ginástica; havia também refeições, lugar para tomar banho e um espaço onde passar o dia em segurança enquanto os pais trabalhavam. Para aquela criança, Carlos era simplesmente o “tio Carlos”. O apelido atravessou os anos junto com a lembrança de não precisar ficar na rua enquanto a família buscava seu sustento.

O Hospital Psiquiátrico Mahatma Gandhi, em Catanduva, também recebia doações de Carlos.

9.3. Refeições que chegavam a quem precisava

Depois do encerramento daquele espaço, Carlos passou a apoiar um projeto de alimentação ligado a um centro espírita cujo nome Eliana já não recorda. Eram servidas cerca de 300 a 350 refeições diariamente, inclusive aos sábados e domingos. Eram refeições completas, como em casa: arroz, feijão, carne, macarrão, legumes e outros pratos. O cardápio variava ao longo da semana.

Uma pessoa que frequentou as refeições apoiadas por Carlos recorda um costume que se repetia todos os dias. Antes de a comida ser servida, crianças, mães e pais esperavam sua chegada. Ele não passava apenas para cumprimentar: beijava e abraçava cada um, demorando-se no carinho que oferecia. Depois, todos rezavam e se organizavam em fila para receber a refeição. A comida ficou na memória pelo sabor, mas também pela companhia: Carlos e Eliana se sentavam à mesa com as famílias e comiam junto delas. Naquela hora, ninguém precisava observar de longe a generosidade do casal. Podia sentar-se ao lado dos dois.

As refeições eram servidas no local e, em algumas ocasiões, podiam ser levadas para casa. Quando havia sobras, Carlos providenciava uma Kombi para distribuí-las a famílias de uma comunidade muito pobre de Catanduva. Naquelas entregas, o que saía da cozinha não era apenas comida: era a possibilidade concreta de alguém terminar o dia alimentado.

9.4. O que ficou escrito

Alguns desses gestos chegaram a placas, jornais e informativos.

Em 2003, a diretoria da APAE de Catanduva homenageou Carlos com uma placa de benemérito colaborador. O Regional publicou a notícia em 5 de outubro daquele ano; o registro foi preservado pelo Portal de Memória Catanduva Cidade Feitiço.

No Recanto Monsenhor Albino, Eliana ofereceu um lanche na Semana do Idoso, em 21 de setembro de 2009, conforme o informativo de outubro da Fundação Padre Albino. Em maio de 2017, numa comemoração do Dia das Mães no mesmo Recanto, Carlos doou sapatos às idosas.

Em 2018, Eliana aparece entre os participantes de uma campanha de arrecadação de lacres para o Hospital de Câncer de Catanduva. Um lacre parece quase nada quando está sozinho. Guardado, somado a outros e destinado a uma causa, passa a integrar uma ajuda concreta.

Em abril de 2019, o informativo da Fundação Padre Albino registrou a Cofevar entre as empresas e famílias que adquiriram módulos para a reforma da Ala Roxa do Hospital Emílio Carlos. Na mesma matéria, Carlos Alberto Varini figura entre os colaboradores. No informativo de janeiro e fevereiro de 2026, “Cofevar – Carlos Varini” volta a aparecer entre os doadores, dessa vez na reforma da Ala Azul.

A memória da família acrescenta a esses registros o Educandário Delfino de Oliveira, o Hospital de Câncer de Barretos e a Casa da Gestante de Catanduva.

Os registros guardam os nomes e as datas. As lembranças da família ajudam a conhecer também as iniciativas que não chegaram ao noticiário.

CAPÍTULO 10

O menino que continua na história



Ilustração — O caminho de volta às origens.

A pobreza da infância de Carlos não foi uma etapa necessária para que a história tivesse um desfecho bonito. Foi uma dificuldade real, que trouxe angústia, limitou escolhas e deixou marcas. O que sua trajetória revela é a maneira como respondeu a essas circunstâncias, com trabalho, observação, apoio de outras pessoas e uma vontade persistente de seguir adiante.

O menino saiu à procura de jornais usados porque queria levar algum dinheiro para casa. Muito tempo depois, ao narrar sua vida, ainda era àquela casa que retornava.

Ali estavam as primeiras razões de seu esforço.

E é ali que o leitor pode reencontrá-lo: filho de uma costureira e de um vendedor, atento ao cansaço dos pais, descobrindo pelas ruas de Catanduva que havia um trabalho a fazer e uma possibilidade a tentar.

Carlos levou essa história para a vida que construiu. Ao lado de Eliana, viu seus planos ganharem tamanho e tempo. Juntos, atravessaram 50 anos de casamento, cresceram e fizeram com que parte de suas conquistas se tornasse apoio para outras pessoas.

O menino que saía pelas ruas atrás de jornais usados queria ajudar a sustentar a própria casa. Anos depois, o trabalho de Carlos e a vida construída com Eliana permitiriam que esse cuidado alcançasse muitas outras. A distância entre uma história e outra foi percorrida sem que ele deixasse de lembrar de onde havia partido.

CAPÍTULO 11

O que fica em casa



Ilustração — A convivência que permanece na família.

Carlos vive hoje com Alzheimer. Há uma tristeza particular em ver as lembranças se tornarem mais difíceis de alcançar justamente para alguém que gostava tanto de contar histórias. Mas a vida que ele viveu não está guardada apenas em sua própria memória. Está também nas pessoas que a compartilharam com ele.

Eliana permanece ao seu lado. Conheceu os planos de Carlos quando ainda pareciam grandes demais para os recursos que tinham. Dividiu com ele a criação dos filhos, as preocupações da casa, as decisões sobre a Cofevar e o cuidado com outras famílias. Muitas histórias que Carlos não anunciava foram preservadas por ela. Ao contá-las, Eliana ajuda a manter vivo um lado do marido que nem todos tiveram a oportunidade de conhecer.

Quem ouviu Carlos contar a própria vida recorda um homem descontraído, de sorriso fácil e entusiasmo contagiante. Tobias percebia, por trás daquela alegria, uma emoção mais silenciosa: a gratidão a Deus por ter podido trabalhar e fazer o bem. Era como se as palavras contassem os acontecimentos, enquanto os olhos agradecessem por eles.

Tatiana e Tobias cresceram entre o carinho e as exigências do pai. Receberam oportunidades de estudo e aprenderam com sua disciplina, sua dedicação ao trabalho e sua disposição para ajudar. Hoje, Tobias segue à frente da Cofevar e reconhece nessa responsabilidade uma parte da herança recebida. Mais do que conservar uma empresa, deseja que continue vivo o cuidado com as pessoas que marcou a trajetória de Carlos.

Para Beatriz, Izadora, Cecília e Celina, estas páginas guardam também o avô que comprava coisas para seus quartos, pulava nas festas e chegava cantando e dançando. Nenhum livro pode recolher todas as tardes de uma família. Algumas lembranças pertencem apenas a quem as viveu. Outras, contadas aqui, poderão acompanhar as quatro netas e ganhar novos sentidos à medida que crescerem.

Carlos passou a vida construindo: uma empresa, amizades, oportunidades e uma família que tanto desejou manter unida. Hoje, quando nem todas as lembranças lhe são acessíveis como antes, Eliana, os filhos, as netas e aqueles que conviveram com ele podem continuar a contá-las. Talvez ele já não consiga narrar cada episódio com o entusiasmo de outros tempos. Agora, são as pessoas que o amam que ajudam a guardar sua história.

A memória pode perder as lembranças; o amor que uma vida construiu permanece em quem aprendeu a amar com ela.

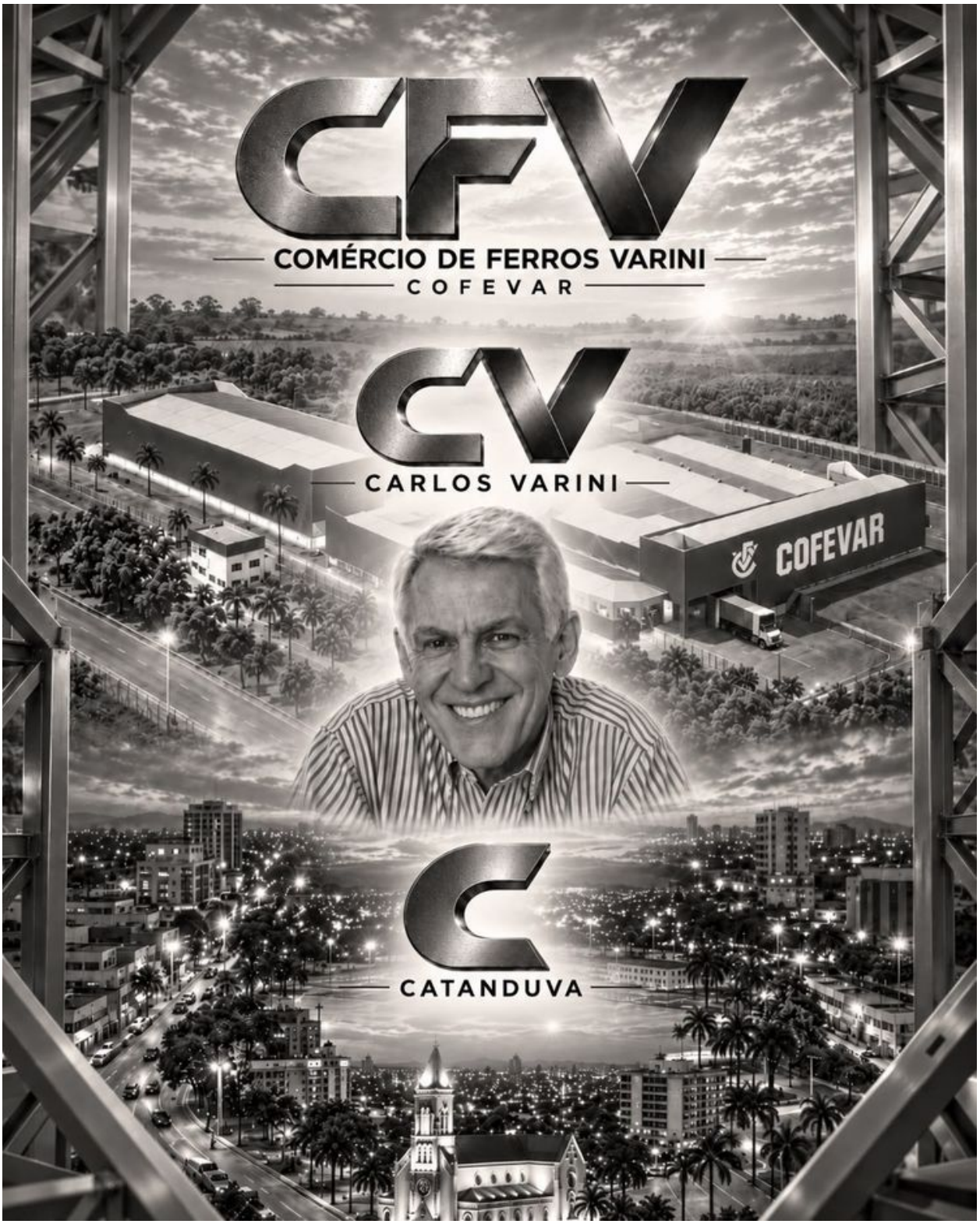
Nota sobre as fontes

Esta biografia reúne lembranças de familiares, amigos e colaboradores de Carlos Alberto Varini, além de registros de instituições e da imprensa local.

Fontes orais: relatos de Eliana Monteleone Varini, Tobias Alberto Monteleone Varini, colaboradores da Cofevar (entre eles Alaor, Gil e, em memória, Nelson) e testemunhos de antigos participantes do Projeto Tuiuiú, dos espaços de alimentação e do Educandário Delfino de Oliveira, além de demais pessoas próximas. Esses relatos preservam a maneira como cada pessoa recorda os acontecimentos.

Fontes documentais: homenagens, informativos da Fundação Padre Albino, notícias do jornal O Regional, registros do Portal de Memória Catanduva Cidade Feitiço e demais documentos institucionais disponíveis para esta edição.

Datas, homenagens e ações institucionais foram apresentadas conforme os documentos disponíveis. Novas informações poderão ser incluídas em futuras edições, mantendo a distinção entre lembranças pessoais e registros documentais.


CFV
COMÉRCIO DE FERROS VARINI
COFEVAR
CV
CARLOS VARINI
COFEVAR
C
CATANDUVA